

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS

CARLOS EDUARDO ZARPE

O *HUMOR* SOB A PERSPECTIVA
DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Porto Alegre

2011

CARLOS EDUARDO ZARPE

O *HUMOR* SOB A PERSPECTIVA
DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Dra. Leci Borges Barbisan

Porto Alegre

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Z38h Zarpe, Carlos Eduardo
O *humor* sob a perspectiva da Teoria da Argumentação
na Língua / Carlos Eduardo Zarpe. – Porto Alegre, 2011.
56 f.

Diss. (Mestrado) – Fac. de Letras, PUCRS.
Orientadora: Profa. Dr. Leci Borges Barbisan.

1. Linguística do Texto. 2. Análise do Discurso.
3. Teoria da Argumentação na Língua. 4. Teoria dos
Blocos Semânticos. 5. Humor. I. Barbisan, Leci Borges.
II. Título.

CDD 418.2

Bibliotecária Responsável: Dênira Remedi – CRB 10/1779

CARLOS EDUARDO ZARPE

O *HUMOR* SOB A PERSPECTIVA
DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: 27 de dezembro de 2011.

BANCA EXAMINADORA:

Claudia Regina Brescancini

Profa. Dr^a. - PUCRS

Ricardo Araújo Barberena

Prof. Dr. - PUCRS

Telisa Furlanetto Graeff

Profa. Dr^a. - UPF

Porto Alegre

2011

Para o meu pai.

AGRADECIMENTOS

À professora doutora Leci Borges Barbisan pela sua orientação, incentivo e oportunidades de aprendizado.

Ao CECREI e a toda sua comunidade.

Aos colegas de pesquisa pelo apoio e pelo conhecimento construído.

A minha namorada, Camila Vianna Leão, tão importante.

Sinceramente, muito obrigado.

“A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou. Inclino-nos sempre para a imaginação ingênua de um período original, em que um homem completo descobriria um semelhante igualmente completo e, entre eles, pouco a pouco, se elaboraria a linguagem. Isso é pura ficção. Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem.” (Émile Benveniste, 2006, p. 285.)

RESUMO

O presente trabalho busca realizar uma análise de textos humorísticos sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, especialmente a Teoria dos Blocos Semânticos. Nosso objetivo é explicitar alguns mecanismos de produção do humor nesses textos. Para isso, servir-nos-emos sobretudo das conferências realizadas por Ducrot em Cali (1988), e por seu trabalho realizado em conjunto com Marion Carel, *La Semántica Argumentativa*, publicado pela Universidade de Buenos Aires em 2005. A escolha dessa teoria se deve ao fato de ela explicar o conteúdo semântico recorrendo apenas ao material linguístico, sem buscar o sentido naquilo que está externo ao enunciado.

Palavras-chave: Humor. Teoria da Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos Semânticos.

RESUMEN

El presente estudio intenta realizar un análisis de los textos humorísticos, desde la perspectiva de la Teoría de la Argumentación en la Lengua y la Teoría de los Bloques Semánticos. Nuestro objetivo es explicar algunos de los mecanismos de producción del humor en estos textos. Para ello, se sirven principalmente de conferencias que se celebran en Cali por Ducrot (1988), y por su trabajo en conjunto con Marion Carel, La Semántica Argumentativa, publicado por la Universidad de Buenos Aires en 2005. La elección de esta teoría se debe al hecho de que explique el contenido semántico utilizando sólo el material lingüístico, sin buscar el significado de lo que es externo a la declaración.

Palabras clave: Humor. Teoría de la Argumentación en la Lengua. Teoría de los Bloques Semánticos.

LISTA DE SIGLAS

AE – Argumentação Externa

AI – Argumentação Interna

BS – Bloco Semântico

CLG – Curso de Linguística Geral

DC – Donc

L - Locutor

Neg – Negação

PT – Pourtant

S – Segmento

TBS – Teoria dos Blocos Semânticos

SUMÁRIO

RESUMO	07
INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO 1 – Da Teoria da Argumentação na Língua aos Blocos Semânticos.....	14
2 CAPÍTULO 2 – Humor.....	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
4 ANÁLISE DE TEXTOS HUMORÍSTICOS	31
4.1 Análise A	31
4.2 Análise B	32
4.3 Análise C	34
4.4 Análise D	36
4.5 Análise E	37
4.6 Análise F	39
4.7 Análise G	41
4.8 Análise H	43
5 CONCLUSÕES	45
6 REFERÊNCIAS	47
CURRICULUM VITAE (Plataforma LATTES CNPq)	49

INTRODUÇÃO

O trabalho que segue busca analisar o modo como o humor emerge através do uso da língua. Para tal fim, nossa pesquisa se embasa nos fundamentos da vertente moderna da linguística, i. e., a partir do Curso de Linguística Geral (CLG), passando por Émile Benveniste até chegarmos finalmente em Oswald Ducrot, autor da Teoria da Argumentação na Língua, teoria que nos dará o suporte para a realização das análises. Reconhecemos uma vertente clássica filosófica que teve um papel fundador e fundamental, sobretudo na voz do filósofo Platão, que contribuiu, por exemplo, com a noção de *alteridade*, a qual, transposta da filosofia para o estudo da linguagem, forneceu subsídios para Saussure pensar e a elaborar o conceito de *valor*, ideia que constitui um dos núcleos de suas investigações. Assim, sem deixar de reconhecer essa rica fonte de contribuições clássicas, nosso recorte nos leva a nos focarmos no período em que a linguística ganha, pela primeira vez na história, *status* de ciência como hoje a conhecemos.

Outro aspecto importante é que analisaremos enunciados diversos, únicos e irrepetíveis, porém também desejamos sugerir que alguns dos mecanismos evidenciados através das análises podem, eventualmente, se repetir em outros contextos linguísticos. Vale frisar: o que se pode repetir é o mecanismo linguístico presente na produção do humor, não o enunciado. Acreditamos poder afirmar essa repetibilidade dos mecanismos linguísticos, argumentando que isso é possível pelo fato de a língua, sistema socialmente compartilhado, segundo o mestre Saussure, possuir regras, que são compartilhadas pela comunidade de fala. Regras essas que são essenciais para a língua e sem as quais a comunicação se tornaria caótica, inviável. Se não fosse assim, cada falante teria a liberdade de criar, a seu modo, sons, palavras, sequências e sentidos inéditos, o que não se confirma na realidade empírica da linguagem. Queremos ressaltar que essas regras não devem ser confundidas com as da Gramática Normativa, que prescreve, como o próprio nome sugere, mas sim com limites de possibilidades ou impossibilidades que a língua impõe ao falante quando, por exemplo, escolhe determinado termo. Por isso, dizemos que quem fala tem uma liberdade relativa, ou seja, a cada nova escolha, ele instaura um campo de possibilidades de continuação de seu discurso. São as regras que impedem qualquer falante da língua portuguesa de aceitar como correta, por exemplo, a sequência “Menina os jantarão ontem”. Atando as pontas, se existem regras

compartilhadas, como vimos, então elas devem se repetir, por hipótese. Com o que acabamos de dizer, em outras palavras, queremos mostrar que a língua se constitui de algo repetível, mas também, simultaneamente, de outro algo irrepitível.

Em relação ao que justificaria esta pesquisa, nossas leituras preliminares e a busca por respostas que explicassem os mecanismos linguísticos presentes no humor pela Teoria da Argumentação na Língua mostraram que esse fenômeno não foi ainda suficientemente estudado, sob essa perspectiva. As investigações de Sírío Possenti (2002, 2010) sobre o humor, por exemplo, pouco fazem referência a Ducrot. A exceção está no primeiro livro referido (2002). Nele, Possenti chega a mencionar Ducrot, mas o faz de forma rápida, citando o texto *Estruturalismo e Linguística*, de 1969; ou seja, período inicial das ideias que Ducrot, mais tarde, veio a desenvolver. Nosso trabalho pretende se diferenciar do de Possenti no sentido de que suas análises partem do plano linguístico, sim, mas, muitas vezes, recorre ao contexto extralinguístico como forma de explicar o humor; em outras palavras, atribuindo ao enunciado valor semântico de fora para dentro da língua, caminho a que pretendemos nos opor radicalmente. Sobre isso, não atribuímos nem um tom de crítica ao autor, muito pelo contrário. O ponto de vista de Possenti trata somente de um outro modo de olhar para a língua.

Nossa pesquisa se aproxima à de Telisa Furlanetto Graeff (2007). Em seu artigo intitulado “Produção do humor: um descompasso na constituição do bloco semântico“, a autora analisa tiras de Lotti, com o intuito de mostrar que o humor surge quando o interlocutor, na tentativa de cooperar, completa o encadeamento utilizando-se de um bloco semântico diferente. Como a autora mostrou, desse descompasso entre os diferentes blocos constituídos pelo interlocutor e pelo locutor surge o humor. Nossa pesquisa pretende diferenciar-se no sentido de buscar evidenciar outros mecanismos linguísticos presentes no humor. Para isso, esperamos ter fôlego para descrever esses mecanismos minuciosamente e aprofundar verticalmente nossas análises.

Assim, os estudos supracitados discutem o humor, mas não da maneira como aqui pretendemos, i. e., analisar e mostrar alguns dos mecanismos que a língua nos proporciona presentes no humor, explicando-os, de maneira minuciosa, pela Teoria da Argumentação na Língua.

A escolha por essa teoria se deve ao fato de ela ter potencial para analisar o linguístico, sem recorrer a artifícios externos à língua. Para isso, Ducrot resgata, de Ferdinand de Saussure¹, conceitos como o de *relação*. Nesse sentido, acreditamos que a

1 Temos conhecimento do debate que envolve a autoria das ideias do CLG, uma vez que não foi Saussure

Teoria da Argumentação na Língua nos forneça instrumentos capazes de captar o sentido do enunciado, pois coloca as estruturas em relação de interdependência semântica. Disso decorre entendermos que se trata de uma teoria do emprego, do *uso da língua*, da língua posta em prática, viva. Nesse ponto, apontamos também para os fortes vínculos que essa teoria mantém com os trabalhos de Émile Benveniste, autor que se debruçou sobre os aspectos enunciativos da língua.

Assim sendo, estamos convencidos de que essas questões justificam a escolha pela teoria e pelo objeto de estudo, apontando para a importância dessa pesquisa como um todo.

As hipóteses são as de que a argumentação, na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, pode explicitar o humor; e que esse humor pode ser justificado recorrendo-se apenas ao material linguístico.

Dessas hipóteses, decorrerão nossos objetivos, ou seja, mostrar que a argumentação pode explicitar o mecanismo que provoca o humor e que, para tal finalidade, a Teoria da Argumentação na Língua pode ser um instrumento adequado a fim de demonstrar os diferentes mecanismos linguísticos, pois nos permite analisar o material linguístico, sem recorrer a meios externos à linguagem.

Esse trabalho está estruturado da seguinte maneira: no capítulo 1, apresentaremos a fundamentação teórica da Teoria da Argumentação na Língua e da Teoria dos Blocos Semânticos. No capítulo 2, passaremos a considerações sobre o *humor*. Na sessão seguinte, abordaremos questões referentes à metodologia adotada nesta pesquisa. Em seguida, submeteremos o *corpus* à análise. Por último, nas considerações finais, teceremos alguns comentários sobre os resultados obtidos.

CAPÍTULO 1 - Da Teoria da Argumentação na Língua aos Blocos Semânticos

quem o escreveu. No entanto, não é o objetivo desta pesquisa abordar esse assunto.

A Teoria da Argumentação na Língua, elaborada por Oswald Ducrot e colaboradores, tem suas raízes bastante profundas nas ideias estruturalistas² de Ferdinand de Saussure, a ponto de Ducrot (2005, p. 11) propor que a Teoria da Argumentação na Língua seja uma radicalização das ideias estruturalistas, voltada para o enunciado. Assim, para uma melhor compreensão, vale lembrar alguns dos conceitos fundamentais desenvolvidos por Saussure, a saber, *língua e fala*, *sistema*, *valor* e as noções de *relação*, *relações paradigmáticas* e *relações sintagmáticas*. Segundo esse autor, o signo linguístico é composto por duas dimensões, inseparáveis entre si, o *significado* e o *significante*. O *significante* seria responsável pela imagem acústica, enquanto que o *significado* seria um conceito. Ambas definições são entidades psíquicas e abstratas, presentes no sistema da língua. Essas duas “faces” formam o signo, cuja definição só é possível na *relação* que mantém com os demais signos da língua.

Essa relação entre os signos forma o que Saussure denominou *sistema*. O linguista genebrino utilizou inúmeras vezes (2006, p. 18, 24, 130, 132, 133, só para citar algumas) esse termo. Em uma das passagens, o autor, ao definir *língua*, diz que ela é um *sistema de valores* (p. 130). Assim estabelecido, percebemos que esse conceito parece encontrar fortes vínculos com a noção de *sistema* presente nas ciências naturais, ou seja, um composto de unidades em que cada elemento contribui de maneira singular e solidária para formar um todo, o que significa dizer que qualquer modificação em um desses elementos alteraria os demais da cadeia.

Outros dois conceitos basilares para a Teoria da Argumentação na Língua são os de *língua e fala*. Para Saussure, à *língua* corresponderia o sistema linguístico, de caráter abstrato e social. Já a *fala* seria o uso dessa língua, sua realização, que, por sua vez, possui um caráter individual e concreto. Pensando novamente em Ducrot, essa diferenciação possibilitou-lhe a definição de conceitos como os de *frase*, *enunciado* e *discurso*, como veremos.

Primeiramente, para distinguir *frase* de *enunciado*, o autor (DUCROT, 1990, p. 53) utiliza o exemplo *Faz tempo bom*. Ele explica que, se alguém disser essa sequência três vezes, teremos, então, três enunciados distintos de uma só frase. Disso resulta entender que o que podemos observar empiricamente é somente o enunciado. Não ouvimos frases, não vemos frases. Ela é uma entidade teórica, construída pelo linguista e que “serve para explicar a infinidade de enunciados”, a fim de estudá-los. Por isso, dizemos

² O termo estruturalista é atribuído a Saussure pelos leitores do Curso de Linguística Geral, após o seu falecimento em 1913.

que o enunciado é um acontecimento histórico, no sentido de que o evento ocorreu dentro de um tempo e espaço definidos, ideia que encontra sua gênese nos estudos enunciativos de Émile Benveniste.

Para Ducrot (1990), um discurso *D* está constituído por uma sucessão de enunciados S1, S2, S3, etc. em que cada um desses é a realização de uma frase. A questão que o autor se coloca é a de saber como segmentar esses enunciados. Ele responde à pergunta, argumentando o seguinte: “suponhamos que um discurso tenha dois segmentos sucessivos S1 e S2. Se o segmento S1 tem sentido somente a partir do segmento S2, então a sequência S1 + S2 constitui um enunciado.” (1990, p. 53) Para exemplificar o que expomos, vamos observar o seguinte enunciado:

O tempo está bom, vamos à praia.

Como podemos perceber, o primeiro segmento (S1) *o tempo está bom* adquire sentido somente quando relacionado ao segundo segmento (S2) *vamos à praia*, pois trata-se de um tempo bom para se ir à praia e não de um tempo bom, por exemplo, para ficar em casa escrevendo dissertação. Por isso, nesse caso, diremos que S1 e S2 formam um enunciado.

Ainda sobre a diferenciação de *frase* e *enunciado*, Ducrot propõe que se distinga essas duas categorias em relação ao valor semântico de cada uma. Segundo ele, a *frase* tem uma *significação*; e o *enunciado*, um *sentido*. Em suas palavras, o autor (1990, p. 57) define arbitrariamente *significação* como “o valor semântico da frase” e *sentido* como “o valor semântico do enunciado, ou seja, da realização da frase”. Já aqui percebemos um pressuposto bastante importante para a teoria: tanto a língua como a fala possuem valor semântico e as duas contribuem com sua parcela, em maior ou menor grau. No entanto, para se chegar a esse valor semântico, é na, e somente na relação entre ambas que é possível uma descrição. Segundo o autor, a diferença entre os dois termos é de natureza e de quantidade. Essa última diferença mostra que o enunciado diz muito mais do que a frase. Já a primeira diz que a *significação* consiste em um conjunto de instruções que nos guiam para a interpretação dos enunciados das frases. O autor explica que “a significação é essencialmente aberta, diz o que se tem que fazer para encontrar o sentido do enunciado.” (DUCROT, 1990, p. 57)

Outros conceitos saussurianos de influência marcante na elaboração da Teoria da Argumentação da Língua são os de *relações paradigmáticas* e *relações sintagmáticas*. Para Saussure, as relações entre os elementos linguísticos podem ocorrer em dois níveis, o paradigmático e o sintagmático. Na primeira delas, também chamada de *relação associativa*, os elementos estão numa relação de seleção entre os elementos possíveis de serem associados. Já na segunda, ocorrem relações em que os elementos se organizam em determinada ordem linear no sintagma. Em Ducrot, essas ideias são apropriadas da seguinte maneira: as relações sintagmáticas dão origem ao que o autor chamou, em 2005, de *encadeamento argumentativo*. Na primeira fase da Teoria da Argumentação da Língua (1983), um encadeamento argumentativo era a relação entre dois signos, em que um deles era denominado argumento e outro de conclusão. Esses eram conectados por *portanto*. Já no momento seguinte da teoria, o autor insere o que chamou de *topos*, responsável por essa passagem do argumento à conclusão. Porém, na terceira fase da teoria, a TBS, Carel, sob orientação de Ducrot suprime o *topos*. Não há mais a passagem de um argumento a uma conclusão, mas a relação entre dois segmentos (também chamados de *suporte* e *aporte* respectivamente) articulados por um conector.

Já as relações paradigmáticas figuram os encadeamentos possíveis de serem construídos a partir de um determinado encadeamento associado ao léxico. Por exemplo, a *Pedro é prudente portanto...* podemos associar continuações do tipo *...portanto ficará bem* ou *...portanto chegará seguro*, etc. Esses encadeamentos são possíveis graças à *orientação argumentativa* presente em *prudente*, que orienta a continuações positivas. Ora, fica fácil perceber que esse conjunto de possibilidades está numa relação paradigmática com as demais.

A partir dessas ideias, o autor elabora um conceito bastante importante, o de *valor argumentativo*. Nas palavras do autor (1990, p. 51), “o emprego de uma palavra torna possível ou impossível uma certa continuação do discurso”, e esse conjunto de possibilidades de continuação do discurso define o *valor argumentativo*³ de uma palavra, conceito fundamental para nossas análises.

Do que foi dito até aqui, vale retomar alguns aspectos antes de darmos sequência à exposição da teoria. Como podemos perceber, Saussure, em suas pesquisas,

³ Ducrot também utiliza o termo *sentido* para falar do *valor argumentativo* de uma entidade. No entanto, chama a atenção para uma possível ambiguidade desse termo, que, nesse caso, não deve ser confundido com *sentido* do enunciado, conceito bem diferente, como vimos.

privilegiava o estudo do sistema da língua, o que não quer dizer que desconsiderava a possibilidade do estudo do uso da língua. Em Ducrot, por outro lado, o objeto de análise é o enunciado. Portanto, pensando no enunciado nos moldes da Teoria da Argumentação na Língua, faz-se necessário analisarmos o papel de três “entidades” frente ao enunciado, a saber, *Enunciador, Locutor e Sujeito Empírico*.

Ducrot (1990) define *sujeito empírico* como sendo o autor efetivo do enunciado. Segundo ele, essa definição tem consequências complicadoras, pois a determinação dessa entidade pode não ser tarefa fácil. Um exemplo utilizado é o do teatro. Ele se questiona, por exemplo, a quem atribuir a fala do ator? Ao autor? Ao ator? Ao diretor? Ao personagem? Sem muito interesse pela resposta, Ducrot esclarece que, para o linguista, em especial para o linguista semanticista, a definição do sujeito empírico não é um problema de linguagem. O linguista deve preocupar-se, sim, com o que o enunciado diz. Em outras palavras, deve excluir as condições externas à produção.

Sobre o *locutor*, Ducrot o define como sendo o responsável pelo enunciado, ou seja, a pessoa a quem se atribui a responsabilidade da enunciação. Segundo ele, o enunciado traz marcas linguísticas, como as de pessoa, tempo e espaço, que denunciam seu locutor.

Já os *enunciadores*⁴, Ducrot os define como seres sem palavras no discurso, mas que são a origem dos diferentes pontos de vista implícitos que se apresentam no enunciado. Poderíamos exemplificar essa ideia com o caso da negação, amplamente trabalhado pelo autor:

Pedro não veio.

Nesse caso, teríamos dois enunciadores, ou seja, dois pontos de vista, a saber, (E1) *Pedro veio* e (E2) *Pedro não veio*. Disso, decorre outro conceito presente na Teoria da Argumentação na Língua, o de *polifonia*.

Ducrot desenvolve, a partir da década de 80, o que vem a denominar *Teoria Polifônica da Enunciação*. Sobre *enunciação*, o autor entende que a descrição sistemática

4 Ducrot chama a atenção para a confusão que o termo *enunciador* pode causar, pois o sufixo *-or*, nos substantivos, é comumente utilizada para designar aquele que pratica uma ação, como por exemplo, locutor, sedutor, executor, construtor, condutor, etc. Nesse sentido, *enunciador* seria aquele que enuncia, ideia que está em desacordo, como veremos, com a proposta do autor.

da língua deve conter alusão à atividade da fala. Para Ducrot, pouco interessa o sujeito produtor do enunciado, mas sim, as figuras enunciativas constituídas pelo enunciado. Dessa relação, confrontam-se os diferentes pontos de vista, de onde aflora o sentido do enunciado que, por sua vez, evidencia a enunciação.

Já para a definição de *polifonia*, o autor baseia-se no conceito polifônico desenvolvido por Mikhail Bakhtin, para adaptá-lo da teoria literária aos estudos da linguagem. As investigações do filósofo russo viam, na obra de Dostoievski, um exemplo de uso polifônico, em que o confronto entre as diversas vozes dos personagens e do narrador emergiam sem o julgamento do autor.

Trazendo esse conceito para dentro da linguagem, Ducrot (1990) afirma que o autor de um enunciado não se expressa nunca diretamente, mas coloca em cena, no mesmo enunciado, um certo número de personagens. Desse modo, a polifonia será entendida na relação entre o locutor e os enunciadores (origens dos pontos de vista) quando aquele se dirigir a um interlocutor. Nessa relação, o linguista distingue três atitudes: *identificação*, *aprovação* e *oposição*.

O locutor se *identifica* com um enunciador quando assume um ponto de vista. Poderíamos exemplificar essa ideia com o enunciado *Pedro veio*. Nesse caso, o locutor assume a vinda de Pedro e impõe o ponto de vista desse enunciador no enunciado.

A segunda atitude possível é a de *aprovação*. Nesse caso, o locutor concorda com determinado ponto de vista, porém o enunciado não tem o objetivo de fazer admitir o ponto de vista do enunciador. O exemplo que o autor utiliza é *Pedro deixou de fumar*. Nesse caso, temos uma *pressuposição* (Pedro fumava antes) e um *afirmado* (agora Pedro não fuma). Os enunciadores são representados por E1 e E2, em que o primeiro representa a ideia de que Pedro fumava antes, e o segundo a de que Pedro não fuma atualmente. Assim, o autor explica a *pressuposição*, afirmando que se trata do ponto de vista a que o locutor dá sua aprovação, no caso E1. Já o *posto* ou *afirmado* seria a identificação do locutor com o ponto de vista, no caso E2.

Já a terceira atitude do locutor frente ao enunciador é a de *opor-se*, ou seja, a de rechaçar seu ponto de vista. Podemos exemplificar com o caso da negação. No enunciado *Pedro não chegou*, apresentam-se os enunciadores *Pedro chegou* (E1) e *Pedro não chegou* (E2). Nesse caso, o locutor opõe-se a E1 e identifica-se com E2.

Os conceitos apresentados até aqui fazem parte da chamada forma *standard* da Teoria da Argumentação na Língua e se mantiveram na Teoria dos Blocos Semânticos

(TBS), desenvolvida a partir de 1992. A seguir, apresentaremos então os conceitos relativos a essa teoria, chamada de “a terceira fase dos estudos de Ducrot”, que o autor propõe que seja uma radicalização da Teoria da Argumentação na Língua, como assinala (2005, p. 29). Daqui para frente, o autor deixa de lado as pesquisas que realizava junto com Jean-Claude Anscombe sobre os *topoi*, para dedicar-se, em companhia de Marion Carel, à Teoria dos Blocos Semânticos. Ducrot justifica o abandono da teoria dos *topoi* dizendo que o *Argumento (A)* e a *Conclusão (C)* eram entendidos como segmentos semanticamente independentes. A passagem seria realizada por um *princípio argumentativo*, o *topos*. O exemplo é o enunciado *Está calor (A), vamos passear (C)*, em que o princípio seria *calor é bom para sair*. Porém, o autor percebe que em enunciados como *Está calor, vamos ficar em casa*, nesse caso, trata-se de um calor diferente do exemplo anterior, pois é um calor bom para ficar em casa. Enunciados como esse levaram o autor a afirmar que o sentido de um enunciado é construído na relação entre os segmentos. O que temos agora é a interdependência entre as partes que formam o encadeamento, chamado *encadeamento argumentativo*, de onde resulta um bloco semântico. Nas palavras do autor (2005, p. 13-14), o sentido de um enunciado está constituído por encadeamentos, chamados *encadeamentos argumentativos*. A teoria reconhece dois tipos: os *transgressivos*, com conectores (CON) do tipo *no entanto* (PT); e os *normativos*, com conectores do tipo *portanto* (DC). Esses conectores são representantes de uma série de possibilidades presentes no uso. Por exemplo, *portanto* (DC) pode representar conjunções como “então”, “por isso”, “sendo assim”, e etc. O mesmo vale para os conectores em *no entanto*, podendo representar conjunções do tipo “mas”, “entretanto”, “todavia”, e etc. Por último, cabe lembrar que esses conectores ainda podem representar uma relação “não expressa” no uso, porém identificável. Por exemplo, em *Pedro estudou muito. Passará na prova*, temos uma relação de normatividade, que poderia ser expressa pelo seguinte encadeamento:

Pedro estudou muito DC passará na prova.

Esse encadeamento mostra que, apesar da omissão da conjunção em *Pedro estudou muito. Passará na prova*, a relação entre “estudar” e “passar na prova” pode ser recuperada e expressa através de uma relação de normatividade.

O mesmo poderia ocorrer em relações transgressivas. Vejamos o exemplo, *Pedro*

chegou. Chegou atrasado. Para descrever essa relação, poderíamos expressá-la através do seguinte encadeamento:

Pedro chegou PT chegou atrasado.

Também nesse caso, a falta da conjunção não impediu que expressássemos a relação entre “chegou” e “atrasado” por meio de um conector do tipo PT.

Esses dois aspectos, o normativo e o transgressivo, podem se ligar a uma entidade linguística de modo interno ou externo. A *argumentação externa* (AE) de uma entidade e são os encadeamentos a que essa entidade pode dar origem ou ser o término delas. O autor exemplifica esse conceito aplicando-o à palavra *prudente*. Segundo ele, essa palavra pode conter, entre outros, os seguintes encadeamentos que partem de *prudente*:

Pedro é prudente, portanto não terá acidente.

Pedro é prudente portanto estará seguro.

Assim como há as possibilidades de encadeamentos que, a partir de outras entidades, chegam em *prudente*, como podemos ver no exemplo a seguir:

Tem medo, portanto é prudente.

O autor observa ainda que a própria entidade *e* (*prudente*, no caso) compõe sua argumentação externa. Ou seja, ela mesma forma os encadeamentos que a descrevem, como podemos observar acima, na AE de *prudente*, uma vez que essa entidade esteve presente em sua descrição.

Outra característica da AE, segundo o autor, é o fato de essa descrição vir sempre em pares, isto é, se em uma AE temos *A DC B*, também teremos outro aspecto em PT, porém *A PT Neg B*. Resumindo, para cada aspecto CON, haverá também um CON', mas Neg.

Além disso, a AE pode ser de dois tipos, *à direita* e *à esquerda*, segundo Ducrot (2005). A primeira está constituída pelas continuações com as quais a entidade e pode vir a se encadear, sendo do tipo *e CON X*. Poderíamos exemplificar essa relação com o seguinte encadeamento, que parte de prudente:

Pedro é prudente DC chegará seguro ao local.

Já a segunda argumentação, *à esquerda*, é aquela que chega em *e*, sendo do tipo *X CON e*. Exemplificamos com o encadeamento:

Chegou seguro ao local DC é prudente.

Cabe ressaltar ainda outro aspecto importante sobre a AE (DUCROT, 2005, p. 63-64): ela pode ser *contextual* ou *estrutural*. Será *estrutural* quando o encadeamento estiver determinado pela língua. Será, por outro lado, *contextual* quando a AE depender de cada contexto linguístico. O autor exemplifica a AE estrutural de *prudente* com o encadeamento:

Prudente DC merece confiança.

No exemplo acima, diríamos que essa seria uma descrição possível para falarmos, digamos, de um motorista, tendo em vista que, tanto quanto mais prudência no trânsito, melhor o seu serviço, por hipótese. Já o encadeamento a seguir

Prudente DC não merece confiança.

serviria de exemplo para a AE contextual de *prudente*, no caso de um guarda-costas. O autor explica que, por exemplo, se um guarda-costa for prudente, não arriscará a sua vida

para salvar a de seu cliente.

Através dessas possibilidades, Ducrot formaliza as relações entre os segmentos utilizando a expressão A CON B, em que tanto A quanto B configuram segmentos constitutivos de um encadeamento. Já CON é um conector, que pode ser, como já assinalamos, DC ou PT.

A partir das relações possíveis desses conectores e desses segmentos, podemos formar oito conjuntos de encadeamentos, chamados de *Aspectos Argumentativos*, acrescentando, ou não, a negação. Esses conjuntos dividem-se em dois blocos de quatro aspectos cada, de acordo com a relação que mantêm entre si. Segundo Ducrot (2005, p. 23), teremos encadeamentos pertencentes a um mesmo *Bloco Semântico* (BS) quando se produz a mesma interdependência semântica entre os segmentos. O autor esquematiza o bloco, formando os seguintes encadeamentos possíveis, exemplificando-os:

(4) A DC B:

Há um verdadeiro problema, portanto o deixaremos de lado.

(1) A PT Neg-B:

Há um verdadeiro problema, no entanto não o deixaremos de lado.

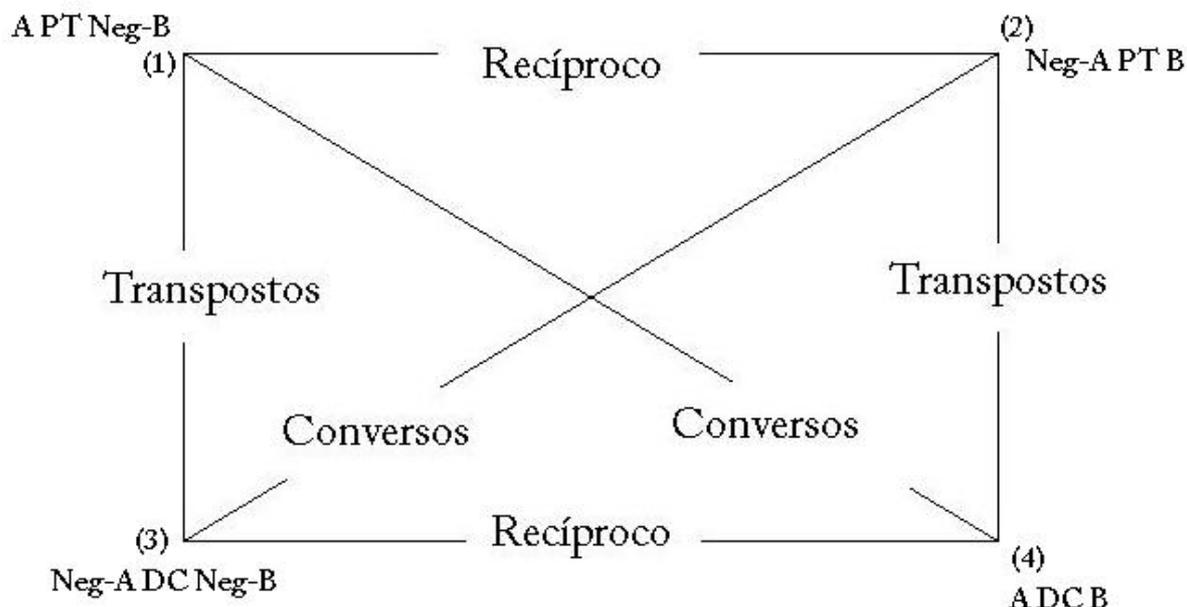
(2) Neg-A PT B:

Não há um verdadeiro problema, no entanto o deixaremos de lado.

(3) Neg-A DC Neg-B:

Não há um verdadeiro problema, portanto não o deixaremos de lado.

Segundo o autor (2005), nos quatro exemplos acima, temos a mesma interdependência semântica, em que A significa *dificuldade* e B significa *postergar* e isso forma, então, encadeamentos pertencentes a um mesmo bloco semântico, pois, em todos, a dificuldade leva a postergar o problema. O autor esquematiza as relações acima entre os encadeamentos utilizando-se da seguinte figura (BS1):



Como vemos no BS1, Ducrot dá nome às relações entre os encadeamentos. Segundo ele, (1) e (2), por exemplo, são chamados de encadeamentos *recíprocos*; (1) e (3), *transpostos*; e (1) e (4), *conversos*, como vimos esquematizado.

Voltando ao quadrado argumentativo, poderíamos imaginar um contexto em que a dificuldade levaria a não postergarmos o problema. Por exemplo, no caso de uma falha em um sistema de rede em que, na menor avaria, causaria transtorno à vida de muitas pessoas. Ou seja, um problema, cuja solução, caso aconteça, não pode ser adiada. Nesse caso, teríamos um outro bloco semântico formado por também quatro encadeamentos. Ducrot demonstra-os com os seguintes exemplos:

(4') A DC Neg-B

Há um verdadeiro problema, portanto não o deixemos de lado.

(1') A PT B

Há um verdadeiro problema, no entanto o deixemos de lado.

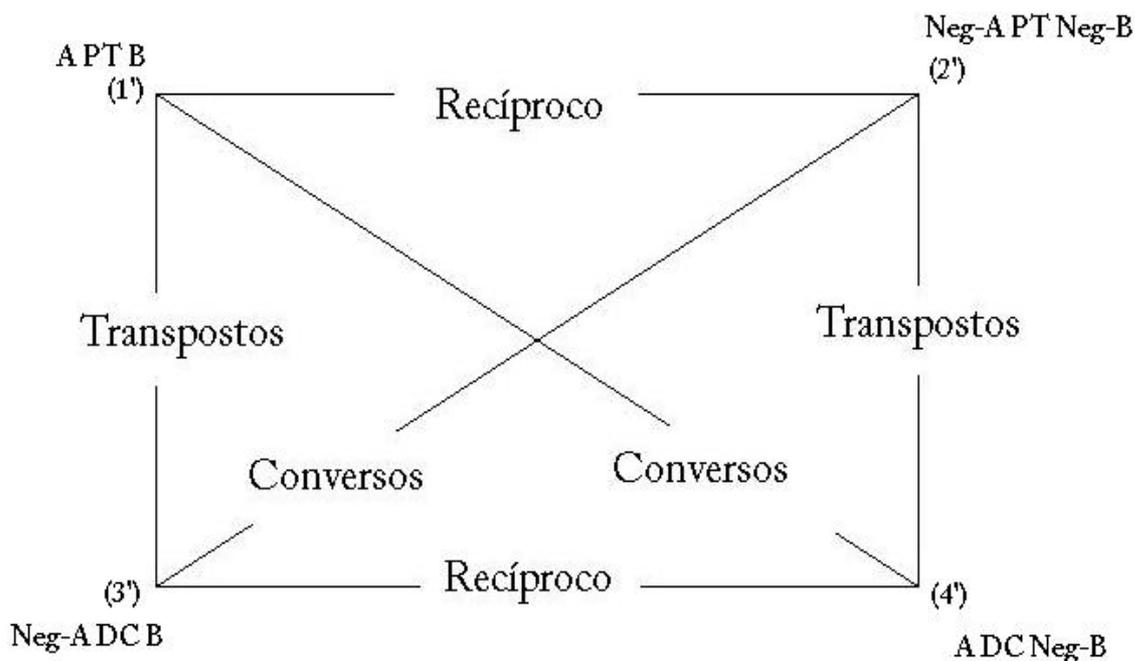
(3') Neg-A DC B

Não há um verdadeiro problema, portanto o deixemos de lado.

(2') Neg-A PT Neg-B

Não há um verdadeiro problema, no entanto não o deixemos de lado.

Também para essas relações podemos montar um esquema, como vemos na figura (BS2) abaixo:



Como vimos, tantos nos encadeamentos normativos em DC quanto nos transgressivos em PT, a própria entidade linguística é um dos segmentos do encadeamento que a descreve. O mesmo não ocorre na Argumentação Interna (AI) de uma entidade. Segundo Ducrot (2005), a Argumentação Interna de uma entidade linguística e está constituída pelas possibilidades de parafrasear e. O autor a distingue da AE, atribuindo-lhe duas propriedades. A primeira diz que os encadeamentos que formam a AI de e são paráfrases de e, por isso não podem conter e em sua descrição.

A segunda propriedade da AI diz que se se encontra o aspecto X CON Y, na descrição de uma AI, não se encontrará o aspecto converso X CON' Neg-Y, nessa mesma AI. Poderíamos explicar essa segunda propriedade com a seguinte simulação: se fizéssemos o aspecto converso X CON' Neg-Y de *prudente*, teríamos o encadeamento *perigo PT Neg-precaução*. Nesse caso, podemos verificar que não se trata mais da AI de *prudente*, mas sim da de *imprudente*. Por isso, o que se pode encontrar em uma AI são apenas aspectos recíprocos. Essas duas características distinguem completamente a AI da AE. O mesmo parece não ocorrer nas AI voltadas ao enunciado, a qual Carel (2002, p.

29) define como argumentações condensadas no próprio interior dos enunciados simples.

Ducrot (2005) alerta que só é possível realizar Argumentações Internas de palavras plenas, como os substantivos, os adjetivos e os verbos, em oposição às palavras ferramentas, aquelas que atuam sobre os substantivos, os adjetivos e os verbos. O autor traz muitos exemplos (tanto de palavras chamadas abstratas, como as chamadas concretas) para explicar a AI, entre eles, o seguinte:

AI (porta) – Separação PT comunicação

Com esse encadeamento, percebemos que *porta* é uma passagem para possibilitar a comunicação, apesar de uma separação (uma parede, por exemplo).

Como podemos observar até aqui, Ducrot tem uma preocupação bastante grande em definir, com clareza, os termos da teoria que propõe, já que muitos deles adquirem um sentido específico. Na perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, por exemplo, a palavra “argumentação” possui um conceito particular em relação àquele que tradicionalmente consagraram os estudos filosóficos e linguísticos. Deparando-se com a confusão que algumas pessoas cometem, Ducrot, em seu artigo intitulado Argumentação Retórica e Argumentação Linguística (2009), esclarece a diferença entre os termos. Ele define “argumentação retórica” como a “atividade verbal que visa fazer alguém crer em alguma coisa”, não sem antes tecer alguns comentários sobre as limitações⁵ dessa definição.

Já a “argumentação linguística”, nos moldes da TBS, abreviada simplesmente por “argumentação” (na maioria das vezes), trata o termo como uma operação capaz de construir sentido através da interdependência entre dois segmentos. Poderíamos exemplificar essa ideia com os seguintes enunciados: em “Pedro é rico, por isso é feliz” e “Pedro é inteligente, então ele deve ser feliz”, tratam-se de duas felicidades diferentes, já que a primeira advém de uma condição financeira favorável, e a segunda de uma capacidade intelectual.

5 Para entender as limitações desse conceito segundo Ducrot, aconselhamos a leitura do artigo referido, “Argumentação Retórica e Argumentação Linguística” (2009, p. 20).

CAPÍTULO 2 - Humor

“Ridendo castigat mores”

[Rindo se corrigem os costumes]

O *humor* é um conceito que admite muitas interpretações. Henri Bergson (1983), em “O riso: ensaio sobre a significação do cômico”, chama a atenção para o fator antropológico do riso, ao dizer que seria possível definir o homem como um “animal que ri”, ou ainda, “como um animal que faz rir”. (p. 7). Pensando em nosso estudo, na linguagem, essa definição parece andar paralelamente à de alteridade, uma vez que se ri na medida em que há uma relação com o outro ser de linguagem. Entendido isso, fica fácil perceber que, ao se falar de alguns dos mecanismos linguísticos responsáveis pelo humor, está-se falando também da própria natureza do homem, de sua própria condição no mundo.

Ducrot não aprofunda seus estudos em relação ao humor. No entanto, ao tratar da *polifonia*, o autor (1990, p. 20) menciona que, para ele, um enunciado será humorístico quando preencher os seguintes requisitos:

- 1) Entre os pontos de vista representados no enunciado, há pelo menos um que obviamente é absurdo, insustentável em si mesmo ou no contexto;
- 2) O ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor;
- 3) No enunciado, não se expressa nenhum ponto de vista oposto ao ponto de vista absurdo (não é ratificado por nenhum enunciador).

Esses são os critérios que Ducrot utiliza para definir humor. Entre os enunciados considerados humorísticos pelo autor, estariam os chamados de “irônicos”, cuja especificidade está no fato de o ponto de vista absurdo ser atribuído a um personagem determinado, a fim de ridicularizá-lo. Nesse momento, parece-nos importante definir “absurdo”, termo presente nesses critérios. Para isso, queremos apresentar aqui o texto que o autor (1990) utiliza para exemplificar o que foi dito acima. Nosso intuito é o de tentar definir o que ele entende por “absurdo”. O que se segue é a apresentação do texto:

A história se passa em um restaurante de luxo em Paris. Em uma mesa se encontra um cliente e como única companhia tem a seus pés um cachorro teckel. O dono do restaurante crendo-se obrigado a puxar conversa com o solitário cliente, dirige-lhe a palavra: “Suponho, senhor, que você aprecia a excelência da comida que até o

momento lhe temos servido. Sabe, nosso cozinheiro é um antigo chefe do rei da Suécia.” O cliente não responde e o dono continua: “Vejo que você escolheu um vinho de excelente qualidade, como todos que seleciona nosso provador ; é que tive a sorte de poder contratar o antigo provador da rainha da Inglaterra”. Tampouco responde o cliente. Sem desanimar, o dono do restaurante continua: “Veja, se nossos camareiros são tão precisos, discretos, limpos, rápidos é por que nosso chefe de sala de jantar esteve ao serviço do rei da Espanha”. O cliente permanece mudo. ; o dono compreende que é prudente mudar de assunto e, falando sobre o cachorro, exclama: “Ó, senhor, você tem um precioso teckel!”. Imediatamente o cliente lhe responde: “Meu teckel, senhor, é um antigo São Bernardo”. (DUCROT, 1990, p. 21)

Conforme a primeira condição, Ducrot diz que o ponto de vista considerado absurdo é o fato de o teckel ser um antigo São Bernardo. Percebemos então que *absurdo* seria um enunciado insustentável em si mesmo e no contexto linguístico. Em outras palavras, um enunciado que não se enquadra nas regras e condições linguísticas impostas pelo locutor. O segundo critério se satisfaria com o fato de o ponto de vista não ser atribuído ao locutor, mas ao dono do restaurante. A terceira condição seria o fato de o ponto de vista absurdo não ser ratificado. Por fim, esse texto seria considerado irônico, pois o ponto de vista absurdo é atribuído à pessoa que se deseja atacar.

Entendido isso, deixamos claro que esses critérios nos são importantes, porque é necessário definir o que já foi pensado em relação ao humor para, então, darmos sequência a esse estudo. Outro ponto fundamental é que, sem deixar de reconhecer o valor do ponto de vista do autor sobre esse tema, os critérios para definição de humor serão um pouco diferentes nesta pesquisa. Preferimos o que nos permitirá uma abrangência maior desse fenômeno, como desenvolveremos a seguir.

Não faremos aqui diferenciação alguma em relação aos termos *humor* e *cômico*, se bem que preferimos, na maior parte das vezes, o primeiro. Empregá-lo-emos como sinônimos. Diferença haverá, sim, em relação a *riso*. Esse, consideramos a expressão fisiológica, o produto daqueles.

Não é fácil definir o termo *humor*, apesar de que todos usuários da língua parecem, intuitivamente, mais ou menos, saber do que se trata. O fato é que não há uma teoria geral sobre esse fenômeno. Estudiosos de várias áreas do conhecimento têm se detido nessa tarefa, mas longe de chegar a um consenso. Neste trabalho, consideraremos humor o que Jan Bremmer e Herman Roodenburg (2000, p. 13) escrevem no livro dedicado ao humor, chamado “Uma história cultural do humor”, ou seja, “qualquer mensagem – expressa por atos, palavras, escritos, imagens ou música – cuja intenção é a de provocar o riso ou um sorriso.” Evidentemente que, no contexto desta dissertação,

excluiremos o que diz respeito ao humor provocado por atos, imagens ou música. Privilegiaremos, sim, aquele que surge através da palavra.

Posto isso, essa definição nos permitiria incluir, entre os objetos analisáveis, piadas, chistes, trocadilhos, pegadinhas, chacotas, charges, crônicas, ou qualquer outro texto nos moldes descritos acima. Porém, também a diferenciação entre esses não possui, neste trabalho, função primordial nas análises, pois, como mencionamos na introdução, a questão do gênero não será levada em consideração. O que é fundamental para que um texto seja incluído em nossas análises, reiteramos, é o fato de o texto ser humorístico.

Por fim, vale lembrar que esses gêneros raramente possuem referência, raramente se sabe seu autor. Normalmente ouvimos em rodas de amigos, nos bares, nas situações informais, nos momentos de descontração. Uma de suas características é o fato de ser uma narrativa de pequena extensão, o que a torna fácil de lembrar e repassar. Além disso, ela é transmitida, muitas vezes, oralmente, e, por isso, é muito suscetível a adaptações, modificações a gosto de cada contador. Assim, costuma-se dizer que a piada é uma construção coletiva, o que não quer dizer, sob hipótese alguma, que, um dia, ela não tenha tido um criador, um autor, mas que esse raramente seja referido, pois, cada um, a seu modo, conta-a de modo diferente.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O *corpus* está constituído de textos escritos, que versam sobre assuntos diversos, extraídos de um *site* de relacionamentos da *internet*, o Orkut. Esse foi escolhido pelo fato de grande parte de seus usuários o utilizar de maneira informal, ambiente que propicia o surgimento dos textos que desejamos analisar. Após essa seleção, direcionaremos o olhar da Teoria da Argumentação na Língua.

Como critério de seleção de textos humorísticos, optaremos por aqueles que se diferenciam no seu processo linguístico de elaboração do humor.

Este trabalho possui um caráter qualitativo, ou seja, não importa o número de informantes ou de ocorrências. O que vale são as possibilidades, os diferentes mecanismos linguísticos que encontraremos nos casos particulares de uso da língua.

Por fim, queremos deixar claro que a Teoria da Argumentação na Língua possibilita um número grande de análises de um mesmo objeto. No entanto, com um objetivo bastante claro, muitos encadeamentos se tornam desnecessárias ou pouco produtivos. Por isso, levando em consideração um custo/benefício, nas análises que se seguem, selecionamos somente os encadeamentos que julgamos ser importantes para cumprir nossas metas, sem deixar de reconhecer as outras possibilidades de articulação de enunciados. Em outras palavras, não construímos encadeamentos para todos os enunciados de um texto, somente para aqueles que julgamos que possam ser úteis a fim de explicar o humor.

4 ANÁLISE DE TEXTOS HUMORÍSTICOS

4.1 Análise A

Segue a apresentação do texto e sua respectiva análise:

Pergunta: o que são quatro pontinhos pretos na grama?

Resposta: Fourmigas.

Podemos começar a analisar o processo de criação do humor na piada acima, elaborando o seguinte encadeamento:

AE (1) – quatro pontinhos pretos DC fourmigas

Agora, é necessário entender qual é o sentido de “fourmigas”. Para isso, segue a AI.

AI (fourmigas) – quatro formigas DC quatro pontinhos pretos

O que nos permite elaborar essa AI são as palavras “quatro” e “pontinhos pretos” (ambas presentes na pergunta da piada), sem as quais “fourmigas” não teria sentido. Em outras palavras, é a relação que “fourmigas” mantém com “quatro” e “pontinhos pretos” que nos fornece base para segmentar em “four” e “migas”. Em solidariedade com essa AI, poderíamos esmiuçar a AE (1). Teríamos, dessa forma, os seguintes encadeamentos possíveis:

AE (2) – quatro DC four

AE (3) – pontinhos pretos DC formigas

Para se chegar à AE (2) e à AE (3), foi necessário recorrer a alguns processos metalinguísticos. Ou seja, a segmentação de uma entidade (fourmigas) em duas partes distintas, porém interdependentes, a saber “four” e “migas”. Entretanto, isso ainda não

explica o sentido, muito menos o humor. Para entender “four”, não é necessário conhecer outra língua, tão somente um lexema associado ao idioma inglês. Assim, sabemos que “four” significa “quatro”.

Mais difícil de explicar é “migas”, pois não se trata de um termo que, por si só, pertença à estrutura da língua portuguesa. “Migas” somente adquirirá sentido se pensado na relação de solidariedade que possui com a entidade “four”. Se assim procedido, chegaremos à semelhança de sonoridade de “four” (número quatro em inglês), com “for” (primeira sílaba da palavra “formiga”), para, daí sim, reconstituirmos a entidade “formigas”, termo que adquire *status* linguístico.

O cômico brota desse processo metalinguístico de aproximação da sonoridade de duas palavras de idiomas diferentes. Em outras palavras, “fourmigas” reuniu, em um mesmo vocábulo, dois sistemas linguísticos distintos, o que constitui um processo absurdo de criação de uma palavra.

4.2 Análise B

Havia dois bêbados deitados à beira de um rio cheio de jacarés. De repente, um deles morde o pé de um dos bêbados:

- Haaaa, um jacaré mordeu meu pé!

- Qual deles?

- Não sei, jacaré é tudo igual.

Podemos demonstrar o mecanismo linguístico responsável pelo humor dessa piada explicitando as AI da palavra “deles”. Mas, antes de seguir, cabe justificar uma aparente contradição em relação à possibilidade de se realizar a AI da palavra “deles”. Reafirmamos o que Ducrot nos ensinou, ou seja, que só é possível realizar a AI de palavras plenas. Assinalamos, porém, que a palavra “deles” pertence à classe gramatical “pronomes”. Como sabemos, existem basicamente dois tipos de pronomes, classificados de acordo com a função que desempenham no sintagma (a gramática normativa consagrou, nos estudos de morfologia, as seguintes nomenclaturas, pronome adjetivo e pronome substantivo). Uma das funções do pronome é a de acompanhar o substantivo,

como ocorre em “**Aquela** professora é legal”. Nesse exemplo, o termo destacado acompanha o substantivo 'professora', núcleo do sintagma. Para “aquela”, resta a função de determinante. Já a segunda função possível é a de substituir o substantivo, como ocorre em “O aluno estudou bastante. **Ele** será aprovado.” Nesse exemplo, o termo destacado, núcleo do sintagma, está no lugar de “o aluno”. Desse tipo de pronome, acreditamos ser possível realizar a AI, pois o pronome assume o sentido do termo que substitui.

De volta à análise, o que foi dito nos permite pensar em uma AI da maneira como apresentaremos a seguir, referente à pergunta (“qual deles?”) do bêbado que não foi mordido:

AI estrutural (deles 1) – Mordida de jacaré DC ferimento no pé.

Essa leitura não é difícil de justificar, uma vez que o contexto linguístico pode direcionar, como preocupação imediata e mais evidente, os ferimentos do pé do bêbado. Isso encaminharia o tópico do diálogo, ou seja, os pés do ferido. No entanto, quando seguimos a leitura da piada, percebemos que, pelo menos para o “bêbado mordido”, por assim dizer, a preocupação é distinguir, dentre os jacarés, aquele que o mordeu. Demonstramos essa afirmação com o seguinte encadeamento:

AI contextual (deles 2) – Mordida de jacaré DC distinguir qual jacaré.

Acreditamos que o humor pode ser pensado a partir da relação entre as duas AI apresentadas acima: a primeira, AI contextual (deles 1), esperada, encaminhada pela argumentação; e a segunda, AI contextual (deles 2), que contraria o sentido argumentativo da primeira. Assim, podemos dizer que a possibilidade de a palavra “deles” se referir a “jacarés”, como demonstramos na AI (deles 2), é um enunciado absurdo se comparado com a AI (deles 1), o que provocou o humor. Já o mecanismo presente no plano linguístico foi a ambiguidade anafórica da palavra “deles”, que pode se referir tanto a “pés”, como também a “jacarés”.

4.3 Análise C

Um sujeito chega no caixa da loja, apanha o talão de cheques e uma caneta. Então, o funcionário pergunta:

– *Vai pagar com cheque?*

E o cliente responde:

– *Não, vou fazer um poema pra você nesta folhinha.*

Começemos a análise demonstrando o seguinte encadeamento e os respectivos comentários. Para: “*Um sujeito chega no caixa da loja, apanha o talão de cheques e uma caneta*”, temos:

AE (1) – Apanhar talão de cheques e uma caneta no caixa da loja DC pagar com cheque.

O sentido produzido por essa AE (1) parece-nos bastante evidente, no sentido de que, se um sujeito apanha talão de cheques e caneta no caixa de um estabelecimento comercial, isso nos leva a crer que ele pagará a conta utilizando, como forma de pagamento, o cheque.

Na sequência, temos a pergunta do funcionário (“Vai pagar com cheque?”), que pode ser traduzida pelo seguinte encadeamento:

AE (2) – Ver o cliente apanhando talão de cheques e uma caneta DC pagar com cheque.

Nota-se que a AE (1) e a AE (2) expressam o mesmo sentido. Trata-se, por isso, de uma espécie de redundância, sobretudo na visão do cliente, que, percebendo essa

repetição desnecessária (pois o contexto linguístico já dava pistas para entendermos o que foi expresso pela AE (2)), inicia seu enunciado negando o sentido da AE (2) ao utilizar a palavra “não” (“**Não**, vou fazer um poema pra você nesta folhinha”). Essa negação acarreta o seguinte encadeamento:

(AE 3) - Apanhar o talão de cheques e uma caneta no caixa da loja PT Neg-pagar com cheque.

Esse foi o encadeamento construído a partir da negação. Podemos elaborar outro com o restante do enunciado, ou seja, com “**Não, vou fazer um poema pra você nesta folhinha**”. Nesse caso, teríamos:

AE (4) - Apanhar o talão de cheques e uma caneta no caixa da loja DC fazer um poema na folhinha.

Como vemos, esse encadeamento estaria contido em um bloco semântico contrário em relação ao bloco semântico assumido pelo enunciado do locutor¹. Isso ainda não explica o processo linguístico responsável pelo humor nessa piada.

Mas, então, onde se completa o humor? Acreditamos que ele surja não só na negação, como vimos acima, mas também na assertiva que é enunciada na sequência, “vou fazer um poema pra você nesta folhinha”. Ou seja, nega-se um ponto de vista considerado repetitivo e desnecessário, e se afirma outro que não é o esperado naquele contexto linguístico.

O humor, portanto, surge através de um encadeamento que é construído contextualmente, uma vez que, “apanhar talão de cheques e caneta no caixa da loja” não possui um sentido que direcione para “fazer um poema”. Ou seja, o locutor² completou a pergunta do funcionário inserindo um elemento surpreendente (fazer um poema), considerado possível, porém absurdo naquele contexto, pois “apanhar talão de cheque e caneta no caixa da loja” não admite a continuação “fazer um poema”.

Na verdade, entendemos que o sentido de “*Não, vou fazer um poema pra você nesta folhinha*” teria o sentido de dizer “sua pergunta é desnecessária. É evidente que

pagarei com cheque”. Poderíamos afirmar ainda que o locutor² estaria dizendo, na perspectiva da teoria, que uma continuação possível para “*Um sujeito chega no caixa da loja, apanha o talão de cheques e uma caneta*” seriam somente aquelas previstas pela língua, como por exemplo, “*DC pagará com cheque*” e não outra qualquer.

4.4 Análise D

Pergunta: qual o vento de que o cachorro tem medo?

Resposta: o furacão.

No caso do texto acima, se não se trata de uma piada, consideramo-lo-emos, acima de tudo, humorístico, pois tem a nítida intenção de causar o efeito do riso no interlocutor, através de uma pergunta de adivinhação. Esse tipo de texto é bastante comum e a resposta normalmente requer um esforço metalinguístico. Veremos um exemplo disso com a análise que se segue.

O primeiro enunciado causa uma estranheza, pois não se espera que um cachorro tenha medo de algum tipo de vento. Diferente da *análise D*, essa pergunta não direciona a uma resposta óbvia como aquela (cabe lembrar, “vai pagar com cheque?”). Nesse caso, a pergunta parece já encaminhar a uma resposta, uma continuação absurda, ou pelo menos, surpreendente. Poderíamos representar a pergunta com o seguinte encadeamento:

AE (1) – Vento DC medo em cachorro

Essa AE (1) julgamos contextual, pelo fato de não ser um vento qualquer, mas um que causa medo em cachorros.

O passo seguinte é analisar a resposta “furacão”. Para o interlocutor considerar esse enunciado humorístico, faz-se necessário um exercício metalinguístico. Ou seja, é preciso segmentar uma entidade (furacão), a fim de torná-la duas entidades distintas. Em

outras palavras, segmentar o substantivo “furacão” em um verbo e outro substantivo, da seguinte forma: [ele] “fura cão”. No caso, o sujeito elíptico “ele” estaria no lugar de “vento”, e teríamos uma relação de agente desse sujeito sobre o paciente 'cão'. Em outras palavras, teríamos “o vento que fura cão”. Demonstramos essa ambiguidade fonológica com os seguintes encadeamentos:

AI (furacão) – vento forte DC ciclone

AE (fura cão) – furacão DC furar cachorro.

Esse caso de humor nos parece bastante diferente dos demais analisados, pois só é possível ser mais ou menos bem explicável através da relação de uma AI e de uma AE, simultaneamente. Além disso, a piada requer um esforço metalinguístico do interlocutor, como bem assinalamos, sob pena de a comunicação não se efetivar nos moldes que desejava o locutor.

4.5 Análise E

Diálogo:

– Puta que pariu! Meu gato pôs um ovo!

– Mas gato não põe ovo!

– Puta que o pariu de novo!

Para iniciar a análise, vejamos os encadeamentos possíveis para o primeiro enunciado:

AE (1) – Gato colocar ovo DC puta que pariu.

Esse encadeamento nos mostra um ponto de vista absurdo enunciado já no início da piada, ou seja, o fato de um gato por um ovo, ideia assumida pelo próprio enunciador.

Em seguida, vejamos a AI da primeira ocorrência de “puta que pariu”, para entendermos seu sentido.

AI (puta que pariu) – Situação inesperada DC surpresa desagradável

Através dessa AI, percebemos que, no contexto linguístico referido, o palavrão exprime uma surpresa, ideia reforçada pela utilização de um ponto de exclamação logo após. Além disso, parece-nos que essa surpresa é desagradável, caso contrário, a escolha pelo palavrão estaria descontextualizada.

A fala do segundo locutor, “mas gato não põe ovo”, expressa um ponto de vista oposto ao do locutor anterior. Em outras palavras, o ponto de vista é ratificado. Demonstramos isso com o seguinte encadeamento:

AE (2) – ser gato DC Neg-colocar ovo.

Já a segunda ocorrência de “puta que pariu” não nos parece ter o mesmo sentido da primeira, ou seja, não mais se trata de uma surpresa. Argumentamos a favor disso, dizendo que não haveria motivos para surpreender-se novamente (apesar da expressão “de novo”) com o enunciado anterior (“mas gato não põe ovo”), pois o fato de gatos não colocarem ovo é o esperado, o previsto. Assim, temos que encontrar uma nova AI para essa segunda ocorrência de “puta que pariu”, a fim de justificar nossa posição:

AI (puta que pariu') – ratificação DC verdadeira

Explicamos o encadeamento acima: julgamos que a segunda ocorrência de “puta que pariu” não mais é a expressão de uma surpresa, senão a de uma confirmação, uma

aprovação, uma ratificação do ponto de vista anterior (mas gato não põe ovo).

O “de novo” se refere à “puta que pariu” e contribui para o humor, na medida em que, apesar de seu significado na língua ser o de “novamente”, “outra vez”, “repetição”, o sentido de “puta que pariu” não é o mesmo nos dois enunciados. Dito de outra forma, o “de novo” refere-se não à repetição do sentido do enunciado de “puta que pariu”, que não se repete como mostramos, mas à repetição da frase “puta que pariu”.

4.6 Análise F

Quem ri por último... é retardado.

O tipo de piada acima é facilmente encontrado na internet, sob o título de “corrigindo velhos ditados”. Há uma centena delas. Aqui, trouxemos apenas uma.

Uma característica desse tipo de piada é a estreita relação que mantém com os provérbios, como pretendemos demonstrar ao longo da análise. Para começar, o seguinte encadeamento:

AE (1) – Ri por último DC é retardado.

O sentido expresso pela AE (1) é o de que quem ri por último possui um grau de retardamento, como pudemos observar.

Faz-se necessário construir a AI de “*quem ri por último*”:

AI (quem ri por último) – (A) Deu-se bem no final DC (B) obteve vantagem.

Chegamos a essa AI considerando a análise do “provérbio original”, a saber, “quem ri por último ri melhor”, pois acreditamos que, pelo fato de essa expressão estar bastante

cristalizada na língua, torna-se impossível dividi-la, segmentá-la, separá-la do conhecido provérbio, sem que se resgate o sentido original. Por isso, construímos a AI de “quem ri por último” como se fosse a AI de “quem ri por último ri melhor”, ou seja, argumentamos que parte da expressão pode recuperar o sentido do provérbio inteiro, pois apenas o trecho “quem ri por último”, de acordo com a língua, direciona, orienta o sentido do todo original.

O humor se explica pela apropriação de uma expressão popular, cuja utilização de somente parte dessa expressão não impediu o resgate do “sentido original”, pelo fato de ela estar bastante consolidada na língua, como demonstramos na AI (*quem ri por último*). O locutor, porém, ao invés de usar o provérbio por inteiro, segmentou-o e completou-o com uma continuação diferente, inesperada, como vimos na AE (1), o que acarretou, por interdependência semântica, a constituição de um sentido também diferente. O primeiro segmento de “quem ri por último ri melhor”, ou seja, “quem ri por último” adquire um sentido positivo, um aspecto favorável. Nesse caso, rir por último demonstra uma vantagem. Demonstramos isso com a AI (*quem ri por último*). Já na “nova expressão” (“quem ri por último é retardado”), rir por último é visto com um sentido negativo (aspecto desfavorável), característica de alguém que possui um retardamento, como vimos na AE (1). O humor, finalmente, surge dessa mudança de sentido, do confronto entre as AE (1) e AI (*quem ri por último*).

4.7 Análise G

Ter ciúmes de mulher feia é o mesmo que colocar alarme em carro velho.

Para explicar o humor da piada acima, reconhecemos os seguintes encadeamentos possíveis:

AE (1) – Carro velho DC Neg-necessidade de alarme

AE (2) – Mulher feia DC Neg-necessidade de ciúmes

O que nos permite incluir a entidade *necessidade* em nossos encadeamentos é a relação entre *velho/alarme* e *feia/ciúmes*, pares de palavras que, se não são opostas entre si, representam ideias discordantes. Podemos demonstrar isso, realizando a AI dessas entidades:

AI (velho) – antigo DC deteriorado

Para explicitar a AI de *alarme*, pensemos na sua função desse dispositivo, ou seja, para que serve o alarme se não para proteger o que possui valor. Vejamos:

AI (alarme) – valioso DC alerta

Vemos que *deteriorado*, na AI de velho, e *valioso*, na AI de alarme, constituem ideias que estão em desacordo. Tanto isso nos parece ser verdadeiro, que bastaria pensar que, somente em contextos muito específicos, poderíamos encadear *deteriorado DC valioso*.

Raciocínio semelhante temos que fazer em relação a AE (2), a fim de justificar o encadeamento. Ou seja, vejamos as AI de *feia* e *ciúmes*:

AI (feia) – desprovida de beleza DC desagradável

AI (ciúmes) – importante DC zelo

Vemos que *desagradável*, na AI de feia, e *importante*, na AI de ciúmes, constituem ideias que estão também em desacordo. Seguindo o mesmo percurso, bastaria encadear essas duas entidades para perceber que, somente em um contexto muito específico, aceitaríamos essa relação, a saber, *desagradável DC importante*.

Voltando às AE, a AE (1) é articulada à AE (2) por meio de uma conjunção

comparativa “como”. Para entendermos o que representa essa conjunção, no discurso acima, temos que analisar o que ela nos possibilita afirmar em relação aos elementos que articula, isto é, essa conjunção possui uma instrução que seria mais ou menos a seguinte: “busca uma relação de semelhança entre os elementos articulados”. Isso nos permite pensarmos e explicarmos a AE (1) e a AE (2) da seguinte maneira: de uma mulher feia, não é necessário se ter ciúmes, pois pouco desperta o interesse de outros, assim como o uso do alarme se torna desnecessário em carro velho, uma vez que, esse pouco desperta interesse em ladrões de carro, por exemplo.

Essa explicação nos permite construir AE (3):

AE (3) – Carro velho e mulher feia DC Neg-interesse

Assim, percebemos que o humor se dá na comparação entre elementos aparentemente bastante díspares, que não possuem uma relação direta, como é o caso de “mulher feia” e “carro velho”. Esse “achado” é inusitado pelo fato de a língua não prever uma continuação para a expressão “mulher feia” do tipo “carro velho”. O encadeamento desses dois elementos tão diferentes formou uma continuação considerada absurda para o segmento “mulher feia”, o que provocou o riso.

4.8 Análise H

Um português entra num restaurante fuleiro, imundo e pede uma sopa. Quando o Garçom entrega a sopa ao português, o cliente vê uma mosca e diz:

– Hey, tem uma mosca na minha sopa!

E o Garçom :

– É o desenho do prato.

E o Portuga:

– Mas está se mexendo!

E o Garçom:

– *É desenho animado.*

Começamos analisando a piada através do seguinte encadeamento, assumido pelo português:

AE (1) – Mosca na sopa DC insatisfação

Introduzimos o segmento *insatisfação*, argumentando que o fato de o português ter exclamado “Hey, tem uma mosca na minha sopa!”, chamando a atenção do garçom, indica descontentamento por parte do cliente. Reforçando essa ideia, temos o enunciado começando com “hey”, cujo significado entendemos ser o seguinte:

AI (hey) – algo errado DC atenção.

Na sequência, temos o argumento retórico do garçom, cujo sentido pode ser expresso pelo seguinte encadeamento:

AE (2) – mosca na sopa PT desenho de mosca no prato.

O sentido desse encadeamento nos mostra o argumento utilizado pelo garçom para tentar convencer o português de que a mosca vislumbrada não é verdadeira. Para isso, o garçom mantém o segmento A da AE (1), muda o conector e altera o segmento B. Com isso, ele tem a intenção de contrariar o segmento B de AE (1), justificando que a imagem grafada no prato é um desenho, como vemos na AE (2), e que, por isso, não pode gerar a insatisfação do cliente.

No entanto, o português não aparenta estar convencido de que se trata de um desenho no prato (como veremos na AE (4)), tanto é que se dirige novamente ao garçom, iniciando sua fala com “mas”. Essa conjunção introduz uma ideia contrária à que foi anunciada pelo garçom. Desta vez, sua fala pode ser expressa pelo seguinte encadeamento:

AE (4) – Está se mexendo DC Neg-desenho no prato.

O garçom, por sua vez, não se dá por vencido e enuncia o que expressamos

através do seguinte encadeamento:

AE (5) – Está se mexendo DC é desenho animado.

Mais uma vez, vemos que o garçom tenta justificar com a AE(5) a presença (do desenho) da mosca. Esse encadeamento se opõe a AE(4), assumida pelo cliente. O argumentando é que se trata de um desenho, mas um desenho *animado*, o que torna verossímil o fato de a mosca estar se mexendo.

Interessante notar que o garçom, em nenhuma das duas oportunidades, nega o argumento do cliente (segmento A da AE(1)); muito pelo contrário, ele o aceita e tenta ressignificar a própria fala, através da troca de “desenho *do prato*” para “desenho *animado*”, ou seja, mudança de sentido de AE(2) para a AE (5). Percebemos que “mosca” para o garçom e “mosca” para o cliente possuem sentidos diferentes. Para o primeiro, por interdependência semântica, os encadeamentos AE(2) e AE(5) possuem um aspecto favorável. Já para o cliente, “mosca” encaminha, direciona para algo não desejado, ideia evidenciada na AE(1).

Com essa análise, percebemos o mecanismo linguístico presente no humor, ou seja, o fato de o garçom argumentar duas vezes [AE(2) e AE(5)] , sendo que, na segunda vez, acrescenta um adjetivo modificador (desenho *animado*) que justifica, que faz com que o seu primeiro argumento continue sendo coerente, válido. É uma tentativa de salvar seu primeiro argumento (“é o desenho do prato”), como analisamos na AE(2).

5 CONCLUSÕES

Evidentemente, esta pesquisa não encerra em si as possibilidades de análise das diferentes formas de provocar o humor. Nosso intuito aqui foi o de analisar algumas das possibilidades de surgimento desse fenômeno sob a perspectiva da Teoria da Argumentação na Língua, teoria que nos instrumentalizou de maneira eficaz e apurada para o cumprimento de nossos objetivos. Desejamos, assim, que esta pesquisa venha a contribuir com o conhecimento e estimular outros trabalhos nesse sentido.

Os resultados nos mostraram, de forma geral, que as palavras adquirem um sentido específico em cada uso, podendo não corresponder àquele que a língua prevê. Isso fica bastante claro, por exemplo, na análise 3.6, em que a expressão “puta que pariu” adquire o sentido de uma surpresa desagradável, como demonstramos. Isso também nos mostra que é preciso pensar e analisar a palavra quando empregada em sua relação com as demais do contexto linguístico. Esse sentido, cada vez único, não impede, porém, que possamos alertar que um mesmo mecanismo linguístico pode se repetir em outras oportunidades. É por uma questão de escolha nossa que preferimos selecionar textos que contenham diferentes mecanismos para a produção de humor ao invés de um mesmo mecanismo que se repita diferentes textos. Frisamos: o que pode se repetir é o fenômeno (mecanismo), nunca o enunciado.

Além disso, ficou nítida a importância de se entender com clareza o conceito de “valor argumentativo”, fenômeno que está ligado à própria essência da linguagem. Essa característica ficou em evidência, pois foi responsável por fazer brotar o humor nos textos analisados. É como se o humor deixasse exposto o que a linguagem possui de mais inerente a ela, a existência do que Ducrot chamou de “valor argumentativo”. Mais concretamente, podemos exemplificar isso nos casos em que um segmento A de um encadeamento direcionou, encaminhou, um segmento B, porém esse último não se concretizou. Quando isso ocorreu, o sentido expresso pelo encadeamento se fez absurdo, pois não era o esperado, aguardado.

Percebemos que o efeito do humor pode ser explicado através das análises das AI, como demonstrou a seção 3.3; já outros efeitos foram explicados utilizando somente AE, como vimos nas análises 3.1, 3.4 e 3.9; e, por fim, outros mecanismos ainda puderam ser explicitados por ambas argumentações (seções 3.2, 3.5, 3.6, 3.7 e 3.8). Isso mostrou como a teoria, utilizando-se de não muitos conceitos, foi capaz de “dar conta” dos diferentes engendramentos da linguagem, no que concerne ao surgimento do humor, a fim de explicá-los. A nosso ver, isso se mostrou uma virtude, pois ela não se preocupa em classificar os fenômenos meramente, mas sim em ser abrangente suficiente de modo que

possa evidenciar e explicar os diferentes mecanismos que possam surgir.

Também os conceitos de *estrutural* e *contextual*, presentes nas argumentações, mostraram-se essenciais para cumprir nossos objetivos. Esses expuseram a diferença entre os sentidos contidos na língua e aqueles construídos no contexto linguístico específico. Isso fica bastante claro, por exemplo, na análise C (seção 3.3). Ou seja, nessa análise, o sentido previsto pela língua, compartilhado pela comunidade linguística, e o sentido especificado na fala não correspondiam, o que provocou a ambiguidade, questão central para explicar o humor na piada em questão.

A teoria explicitou os seguintes mecanismos linguísticos: a segmentação de uma unidade linguística, a aproximação sonora entre unidades lexicais diferentes, a criação de palavras utilizando elementos de idiomas diferentes, a ambiguidade, a negação de uma assertiva redundante seguida de outra absurda, a repetição de uma palavra com sentidos diferentes, a apropriação e recriação de um ditado popular, a comparação. Esses mecanismos, de uma forma ou de outra, redundaram em um ponto de vista absurdo em relação a um primeiro, causando o humor.

Sem concluir, esperamos ter mostrado caminhos possíveis para que outros estudos venham a desenvolver e a aprofundar pesquisas sobre o humor. Nesse sentido, nossos resultados mostraram que os mecanismos linguísticos responsáveis pelo humor são diversos, tanto no aspecto daqueles que se configuram em um processo puramente linguístico, como os metalinguísticos.

6 REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Pontes, Campinas, SP, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Pontes, Campinas, SP, 2006b.

BERGSON, Henri. **O riso**: ensaio sobre a significação do cômico. Zahar, Rio de Janeiro, 1983.

BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman. **Uma história cultural do humor**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAREL, Marion. Argumentação interna aos enunciados. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 37, n 3, p. 27-43, setembro, 2002.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, vol. 43, n. 01, 2008, p. 7-18.

DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, SP: Pontes, 1987.

DUCROT, Oswald. La polifonía en lingüística. In: DUCROT, Oswald. **Polifonia y argumentación**. Conferencias del seminario teoría de la argumentación y análisis del discurso. 1 ed. Cali: Universidad del Valle, 1990. p. 15-30.

DUCROT, Oswald. Introducción – conferencia 1. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La Semántica Argumentativa**. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 9-22.

DUCROT, Oswald. Los bloques semánticos y el cuadrado argumentativo – conferencia 2. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 27-47.

DUCROT, Oswald. Argumentación interna y argumentación externa. Conferencia 3. In: CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**. Una introducción a la teoría de los bloques semánticos: Edición literaria a cargo de María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. 1 ed. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 51-85

DUCROT, Oswald. Argumentação Retórica e Argumentação Linguística. In.: A Enunciação em Perspectiva. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 44, nº 1, p. 20-25, jan./mar. 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Dicionário de Linguística da Enunciação**. Contexto, São Paulo, 2009.

GRAEFF, Telisa Furlanetto. Produção do humor: **descompasso na constituição do bloco semântico**. Passo Fundo, 2007.

ORKUT.COM. Disponível em: <<http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=113011222&tid=5615135201404566853>>. Acesso em: 6 jun. 2011.

POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

POSSENTI, Sírio. **Os humores da língua**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 24 ed. SP: Cultrix, 2006. BALLY, Charles, SECHEHAYE, Albert (Orgs).

CURRICULUM VITAE (Plataforma LATTES CNPq)

Carlos Eduardo Zarpe

Formação Acadêmica/Titulação

2010 Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil.

Título: O *humor* sob a perspectiva da teoria da argumentação na língua
Orientador: Leci Borges Barbisan
Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

2009 - 2010 Especialização em Consultoria e Assessoria Linguística.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil.

Título: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA DA CRÔNICA AS CRIANÇAS DO PRÉDIO
Orientadora: Magali Endruweit

2004 - 2008 Graduação em Letras.
Faculdade Porto-Alegrense, FAPA, Porto Alegre, Brasil.

Formação complementar

2010 - 2010 Extensão universitária em Filosofia da Linguagem e da Linguística I.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil.

2008 - 2008 Extensão universitária em REVENDO A MORFOSSINTAXE DO PORTUGUÊS.
Faculdade Porto-Alegrense, FAPA, Porto Alegre, Brasil.

2008 - 2008 Extensão universitária em Fonética Articulatória.
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Porto Alegre, Brasil

2007 - 2007 Extensão universitária em LITERATURA E ARTES VISUAIS.
Faculdade Porto-Alegrense, FAPA, Porto Alegre, Brasil.

2007 - 2007 Extensão universitária em LITERATURA SUL-RIO-GRANDENSE.
Faculdade Porto-Alegrense, FAPA, Porto Alegre, Brasil.

Atuação profissional

1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Vínculo institucional

Vínculo institucional

2005 - 2006 Vínculo: Estágio, Enquadramento funcional: Professor, Carga horária: 12, Regime: Parcial.

8. Auxílio Ao Tema

Vínculo institucional

2006 - 2007 Vínculo: Autônomo, Enquadramento funcional: Professor, Carga horária: 15, Regime: Parcial.

9. Colégio Vicentino Santa Cecília

Vínculo institucional

2006 - 2007 Vínculo: Estágio, Enquadramento funcional: Professor, Carga horária: 4, Regime: Parcial.

Projetos

2010 - Atual A compreensão do sentido expreso pelo linguístico no discurso

Descrição: Tem-se como objetivos, nesta pesquisa, definir leitura, de acordo com conceitos da Teoria da Argumentação na Língua, e, com isso, espera-se compreender quais seriam as leituras possíveis e quais as não possíveis num texto. Como metodologia de trabalho, serão promovidas discussões em torno de livros e artigos que tratam da Teoria, e, a partir desses estudos, será criada uma metodologia para análise. Os resultados serão aplicados a textos de diferentes gêneros, publicados em jornais e revistas de circulação nacional, para finalmente chegar a um conceito de leituras possíveis e não possíveis.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (4); Doutorado (3);

Integrantes: Carlos Eduardo Zarpe; Leci Borges Barbisan (Responsável); Claudio Delanoy; Alessandra Bez; Cristiane Dall'Cortivo; Érica Nunes; Cristina Rorig; João Grupo

Revisor de periódico

1. Caderno de resumos - XIV jornada de ensino de história e educação - ANPUH

Membro do corpo editorial

1. Caderno de Resumos - FÓRUM FAPA

2007 - 2009 Regime: Parcial

2. Caderno de Resumos - I SINAL

Vínculo

2007 - 2007 Regime: Parcial

Áreas de atuação

1. Teoria e Análise Lingüística

Produção em C, T& A

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos (completo)

1. ZARPE, Carlos Eduardo.
A PONTUAÇÃO EM GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PONTO DE VISTA DA ENUNCIACÃO In: XV ALFAL, 2008, Montevideo.
CD-ROM de Resúmenes. , 2008.

Trabalhos publicados em anais de eventos (resumo)

1. ZARPE, Carlos Eduardo.
A PONTUAÇÃO EM GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PONTO DE VISTA DA ENUNCIACÃO In: XV ALFAL, 2008
Libro de Resúmenes. , 2008.
2. ZARPE, Carlos Eduardo.
A pontuação em gramáticas pedagógicas de língua portuguesa: uma análise crítica sob o viés da enunciação In: XI CONGRESSO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE LINGÜÍSTICA, 2008, Santa Fé.
Libro de Resúmenes. , 2008. p.118 - 118
3. ZARPE, Carlos Eduardo.
UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O CONTEÚDO DE PONTUAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL In: VII FÓRUM FAPA, 2008, PORTO aLEGRE.
cADERNO DE RESUMOS. , 2008.

4. ZARPE, Carlos Eduardo., MOURA, Veridiana
ONDE? A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PESQUISA EM LÍNGUA PORTUGUESA In: VI FÓRUM FAPA, 2007, Porto Alegre.

Caderno de resumos. , 2007. p.19 - 19

5. ZARPE, Carlos Eduardo.
SEMÂNTICA: A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS In: I SINAL - I Seminário Integrado Nacional das Linguagens, 2007, Porto Alegre.

Caderno de Resumos. , 2007. p.27 - 27

6. ZARPE, Carlos Eduardo.
A COMPREENSÃO DA METÁFORA PELOS SURDOS In: V FÓRUM FAPA - Conhecimento: caminho para um novo mundo, 2006, Porto Alegre.

Caderno de Resumos. , 2006.

7. ZARPE, Carlos Eduardo.
CARTA DE CAMINHA - UMA VISÃO DE VELHO MUNDO In: V FÓRUM FAPA - Conhecimento: caminho para um novo mundo, 2006, Porto Alegre.

Caderno de Resumos. , 2006.

8. ZARPE, Carlos Eduardo.
ESSENCIAL: ADJUNTO ADVERBIAL In: IV FÓRUM FAPA, 2005, Porto Alegre.

Caderno de Resumos. , 2005. p.8 - 8

Demais produções bibliográficas

1. ZARPE, Carlos Eduardo.
ANÁLISE DA CARTA DE CAMINHA - A VISÃO DO COLONIZADOR. Ensaio. , 2006.
(Outra produção bibliográfica)

Demais Trabalhos

1. ZARPE, Carlos Eduardo. **A Importância da Leitura**, 2005.

Eventos

Participação em eventos

1. **11º Congresso do Ensino Privado Gaúcho - Educação e Neurociências: um novo olhar**, 2011. (Congresso)

2. **Os aspectos da Enunciação em Émile Benveniste - Ciclo de Palestras: O Discurso em Perspectiva**, 2010. (Outra)

3. **Aula Inaugural com José Luiz Fiorin**, 2010. (Outra)

4. **O Discurso do Outro - Ciclo de Palestras: O Discurso em Perspectiva**, 2010. (Outra)

5. **O Diálogo de Bakhtin com a Linguística - Ciclo de Palestras: O discurso em Perspectiva**, 2010. (Outra)

6. **IX FÓRUM FAPA**, 2010. (Outra)

7. **II SINAL - Seminário Integrado Nacional das Linguagens**, 2009. (Seminário)

8. **10º Congresso da Escola Particular Gaúcha**, 2009. (Congresso)

9. Apresentação Oral no(a) **XV ALFAL**, 2008. (Congresso)
A PONTUAÇÃO EM GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O PONTO DE VISTA DA ENUNCIÇÃO.

10. Apresentação Oral no(a) **XI CONGRESSO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE LINGÜÍSTICA**, 2008. (Congresso)
A PONTUAÇÃO EM GRAMÁTICAS PEDAGÓGICAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOB O VIÉS DA ENUNCIÇÃO.

11. Apresentação Oral no(a) **VII FÓRUM FAPA**, 2008. (Seminário)
UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O CONTEÚDO DE PONTUAÇÃO SOB UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA EM MATERIAIS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL.

12. **XIII Seminário Nacional de Literatura e História**, 2008. (Seminário)

13. **XXVI SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA E XXV SEMINÁRIO DE CRÍTICA DO RIO GRANDE DO SUL**, 2008. (Seminário)

14. Apresentação Oral no(a) **VI FÓRUM FAPA**, 2007. (Outra)
ONDE? A ESCOLA COMO ESPAÇO DE PESQUISA EM LÍNGUA PORTUGUESA.

15. Apresentação Oral no(a) **I SINAL - I Seminário Integrado Nacional das Linguagens**, 2007. (Seminário)
SEMÂNTICA: A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS.

16. **OCIDENTE CONTRA ORIENTE**, 2007. (Outra)

17. Apresentação Oral no(a) **V FÓRUM FAPA**, 2006. (Outra)
A COMPREENSÃO DA METÁFORA PELOS SURDOS.

18. **CURSO DE INICIAÇÃO À DRAMATURGIA: DO TEXTO À CENA**, 2006. (Outra)

19. **SANTA ESTAÇÃO CIA DE TEATRO PROJETO SHAKESPEARE PARA CRIANÇAS E PROJETO USINA DAS ARTES: Shakespeare, nosso contemporâneo?**, 2006. (Outra)

20. Apresentação Oral no(a) **IV FÓRUM FAPA**, 2005. (Outra)
ESSENCIAL: ADJUNTO ADVERBIAL.

21. **FÓRUM SOCIAL MUNDIAL 2005**, 2005. (Outra)

22. **XII SEMINÁRIO NACIONAL DE LITERATURA E HISTÓRIA – O Centenário de Erico Verissimo e a História do Rio Grande do Sul**, 2005. (Seminário)

23. **III FÓRUM FAPA**, 2004. (Outra)

Organização de evento

1. FANTI, M. G., BARBISAN, L. B., ZARPE, Carlos Eduardo., DELANOY, C., RÖRIG, Cristina, NUNES, E., DALL'CORTIVO, Cristiane, BEZ, A., GRUPO, J., HINZ, J., KELLY,, RIBEIRO, K., FREITAS, N., REGINATTO, A.

Seminário Internacional de Texto, Enunciação e Discurso (SITED), 2010. (Congresso, Organização de evento)

Totais de produção

Produção bibliográfica

Trabalhos publicados em anais de eventos.....	9
Apresentações de Trabalhos (Comunicação).....	6
Apresentações de Trabalhos (Conferência ou palestra).....	1
Demais produções bibliográficas.....	1

Eventos

Participações em eventos (congresso).....	4
Participações em eventos (seminário).....	6
Participações em eventos (outra).....	13
Organização de evento (congresso).....	1
Participação em banca de comissões julgadoras (outra).....	2

Demais trabalhos relevantes

Demais trabalhos relevantes.....	1
----------------------------------	---